



1  
DIVINO SOL

Noite. Retorno à Terra. Entre os aflitos  
Que a luta impele aos últimos degraus,  
Sinto a perturbação que envolve o caos  
4 E a exalação de todos os detritos.

Entre o mundo e meu pranto, a sós, vagueio,  
Na torva indagação que me constringe.  
A vida é aterradora e imensa esfinge  
No horror que me tortura de permeio.

(\*) Bacharelado-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar «Ribeiro Junqueira», até à desencarnação. Cognominado o «Poeta da Morte» por Antônio Torres, emparelha-se com Antero de Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA «o seu grande explorador», segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (in *A Lit.* no

Ao coro estranho de sinistros ventos,  
Ergue-se a angústia num milhão de vozes...  
Do choro mudo a imprecacões ferozes,  
Há turbilhões de trágicos lamentos.

Paixões embatem com medonha fúria.  
O fel da provação verte sem peias...  
O homem é como alguém que abrindo as veias  
Tenta fugir debalde à carne espúria.

Em toda a parte, a dor comprime o cerco,  
E os que dormem, quais míseros cativos,  
Assemelham-se a tristes mortos-vivos,  
Agonizando em túmulos de esterco.

Acorrentada entre os horrendos muros  
Dos seus próprios grilhões imanifestos,  
A Humanidade escuta os vãos protestos  
Dos sonhos que morreram nascituros...

Mas, dissipando a sombra por rompê-la,  
Na gleba que de lodo se engalana,  
Como sinal de Deus na fuma humana,  
28 Surge sublime e resplendente estrela.

Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (*Pan.*, V, pág. 64) que «em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo». (Engenho Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 — Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: *Eu*; *Eu e Outras Poesias*.

4. Observe-se a semelhança desta estância com a primeira de «As Cismas do Destino» (*Eu e Outras Poesias*, pág. 67), que vamos transcrever na íntegra:

«Recife. Ponte Buarque de Macedo.  
Eu, indo em direção à casa do Agra,  
Assombrado com a minha sombra magra,  
Pensava no destino e tinha medo!»

28. Atente-se na aliteração em s.



Há nova luz de amor que tudo invade.  
E percebo, no pântano entrevisto,  
Que a redenção virá, brilhando em Cristo,  
Ante o Divino Sol da caridade.

2  
OBSESSÃO

Hidra de sentimentos fesceninos,  
A obsessão medonha em fúria avança;  
O pranto amargo purga a intemperança  
Do inferno de passados desatinos.

Dois revéis inimigos, dois destinos  
Em que a treva letífera descansa:  
Bela jovem, cobaia de vingança,  
E um vampiro a sugar-lhe os intestinos.

Morde o hipocôndrio esquerdo a larva enorme,  
Ovo teratológico disforme,  
Gerando atividade corrutora.

Mas Deus e o tempo forjam doce jugo,  
E encarceram-se vítima e verdugo.  
Sob a maternidade redentora.

3  
NA HORA DA MORTE

Calam-se os nervos álgidos, retesos,  
Na estrutura ancestral da carne mole.  
O corpo, enfim, repousa, como o fole,  
Sob a horrenda pressão de ignotos pesos.

Sorvo cansado e inerte o extremo gole  
Do fel que encharca os músculos surpresos,  
Vendo os próprios tecidos indefesos,  
Sob a fauna larval que aumenta a prole...

Sinto a orgia necrófaga medonha,  
Como um balão que estala, geme e sonha  
Ao contubérnio de sinistros lastros.

Mas, ave abrindo a grade hirta e marmórea,  
Contemplo a vida eterna, ardendo em glória,  
Que me acena sorrindo além dos astros!

4  
MORTE HÚMIDA

61 Ei-lo, o doente que se desengana...  
A úlcera enorme baba gosma escura;  
O esqueleto senil se descostura  
Ao bote da gangrena soberana.

Linfa, sangue e suor em papa insana,  
Na fusão miasmática sem cura,  
Por sânie e fel no ventre da amargura  
Cospem a podridão da casca humana.

Última convulsão que desgoverna.  
70 A morte chega brusca, horrenda e terna...  
71 Corre na goela hirta fino gume.

61. *Ei-lo, o doente...* Cf. a nota 3-4, pág. 110.

A respeito do metro deste verso, em que a 6ª sílaba tônica recai no *que*, cf. o 1º verso do soneto "Solitário": "Como um fantasma que se refugia"; o 10º verso de "O Lamento das Coisas": "Da transcendência que se não realiza...", etc.

70-71. *horrenda* — *hirta*. Não raro, frequentavam o vocabulário do poeta estas palavras. Cf. "Os Doentes" — VII, VIII e IX; "Noite de um Visionário"; "Apóstrofe à Carne"; "Louvor à Unidade"; etc.



A alma ditosa nasce noutro nível.

- 73 E' o parto novo... E a vida imperecível  
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

5

## CAIM

- Qual monstro hirsuto que se desenterra,  
76 Aborto horrendo de sinistro abdômen,  
Torna Caim, sem látegos que o domem,  
Para a nova balística da guerra!

- As medonhas mandíbulas descerra,  
Indiferente às chagas que o carcomem,  
E, bramindo, desperta na alma do homem  
82 As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,  
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,  
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,  
E, embora em pranto, envolve de amor puro  
O lobo famulento da caverna.

73. Aposiopese: "E' o parto novo..."

76. *abdômen*: "A rima *abdômen* com *domem* é, do ponto de vista orto-épico, canônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto dos Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente, salvo nas situações tensas de cátedra, oratória ou teatro culto requintado." (Nota de Antônio Houaiss — N. Cl., nº 46, pág. 21.)

82. E' ainda de M. Cavalcanti Proença que vamos citar uma estatística: "No *Monólogo de uma sombra*, de Augusto dos Anjos, 55 entre 186 decassílabos (30%) são acentuados na 6ª sílaba, que é a tônica do proparoxítono." (*Ritmo e Poesia*, págs. 80-81.) Nos 88 decassílabos que ora estudamos, o poeta, que por este ritmo tem acentuado parentesco com Cesário Verde, ostentou 16 vocábulos proparoxítonos acentuados na 6ª sílaba (18%).

NARCISA AMÁLIA de Campos\*



## 1 BONECA

Boneca!... Era uma vez a bonequinha humana,  
Borboleta a voejar, sob véus de neblina,  
Primavera de sonho e graça matutina,  
Transfundidas na carne em rósea filigrana...

- Bela e ardente, dançou, qual brejeira cigana,  
6 Nos laços da ilusão que se adensa e esborcina;  
Mulher, envelheceu disfarçada em menina,  
Alegre bibelô na ribalta mundana.

(\*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas letras» — di-lo Antônio Simões dos Reis (*Narcisa Amália*, pág. 15) — «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fez questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (*Poetas de Resende*, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza mu-